

CLIPPING

[Matéria feita pela Ana Beatriz Leite e publicada na Tribuna do Ceará no dia 27 de novembro de 2015.](#)

Artista transforma placas de vendas de imóveis em casas de passarinho

O projeto “Vendido” mapeia imóveis desocupados em Fortaleza e incentiva um olhar mais sensível quanto aos espaços da cidade



As ruas estão repletas de objetos que compõem o cenário da cidade. Muitas vezes despercebidos, basta um olhar crítico e criativo para que elementos cotidianos se transformem em arte.

A partir de um incômodo, o mestre em artes contemporâneas André Quintino iniciou o projeto “Vendido”. As inúmeras placas imobiliárias a cada esquina de Fortaleza apontavam para uma problemática maior, do processo de desocupação em algumas regiões da cidade.

Perto de casa, o publicitário de formação começou a reformular estas placas e, após transformadas em casas de passarinho, devolvê-las ao poste de origem.

“Eram placas que estavam esquecidas, e aquela coisa que estava lá há tanto tempo ganha nova vida”, explica. Após a fase inicial, com intervenções apenas no entorno de sua residência, o artista lançou o olhar para outros locais e deu início a um processo de mapeamento de imóveis desocupados em Fortaleza. As intervenções mais recentes foram feitas no mês passado, na 2ª edição do Festival Concreto, em que André experimentou novas formas para o projeto e instalou 10 “condomínios” de casas de passarinho pela cidade.

Uma intervenção crítica

A escolha das placas imobiliárias como objeto foi, inicialmente, coincidência. A decisão, porém, contribuiu para o conceito e encaixou perfeitamente com a proposta da intervenção. “O mercado de imóveis é um mercado que vem construindo prédio em cima de prédio.

Quando verticaliza demais não é legal, começam a ter regiões privilegiadas, muros mais altos. A cidade quer muito mais agredir do que convidar. O mercado esquece de pensar algumas questões centrais, que são como conviver na cidade”. Além disso, André explica que é ilegal fixar placas em postes e que estas são permitidas apenas no imóvel.

“Vendido” reflete sobre a poluição visual e, com as casas de passarinho, convida ao contato com a natureza e a cidade. “As pessoas às vezes se esquecem, não olham o entorno, não olham ao redor. Acho que é essa a iniciativa, de olhar para o que está do teu lado. Você não está ali por acaso, você tem uma certa responsabilidade com o local em que você está”, pontua.

Essa também é a proposta de outro projeto do artista, o Jardins Digitais, que pensa a cidade como espaço agricultável e monta jardins comestíveis pelas ruas de Fortaleza.

“Você não está ali por acaso, você tem uma certa responsabilidade com o local em que você está” (André Quintino)

As casinhas de pássaro funcionam como mapeamento físico dos espaços esquecidos pela população e governo. O projeto realizado por André é independente e precisa de colaboração para que tenha continuidade. No mapa de intervenções, a ideia é que novos espaços sejam marcados para que posteriormente seja feita a instalação.

Também para ajudar, o público pode adquirir miniaturas das casas de passarinho em formato de imã de geladeira. Ao adquirir, o colaborador aprende o processo de instalação de André ao montar seu próprio imã, com auxílio do tutorial de montagem no blog. A unidade custa R\$ 15 e pode ser encomendada através do e-mail vendido.intervencao@gmail.com.

[Matéria feita por Eduardo Siqueira para o jornal O Povo em 14.09.2012.](#)

A arte que nasce das diferenças

Ao longo de dez meses, artistas e críticos se propuseram a reinventar suas perspectivas sobre a arte contemporânea. O resultado deu origem à exposição Perambular, Experimentar e Correr Perigo, que será aberta hoje.



Um dos trabalhos da série Vendido, de André Quintino: experiências que se encontram com o inesperado

Como parte das atividades do Programa de Pesquisa do Centro de Artes Visuais de Fortaleza, o Centro Cultural Banco Do Nordeste (CCBNB) recebe, a partir de hoje, a exposição Perambular, Experimentar e Correr Perigo. A mostra é formada por trabalhos de integrantes da primeira turma do programa, realizado através da parceria entre a Vila das Artes e o CCBNB. Oito artistas e quatro pesquisadores participam da exposição, que além da exibição dos trabalhos, também contempla debates e palestras.

O grupo - formado pelos artistas André Quintino, Bartira Dias, David da Paz, Mariana Smith, Marina de Botas, Sabyne Cavalcanti e Simone Barreto e as pesquisadoras Ana Cecília Soares, Júlia Lopes, Lara Vasconcelos e Naiana Cabral - foi selecionado através de edital público em meados de setembro do ano passado. Todos os candidatos foram avaliados, segundo Enrico Rocha, coordenador do Programa de Pesquisa em Artes Visuais da Vila das Artes, a partir dos projetos apresentados, da trajetória e do contexto da apresentação de cada pesquisa.

O programa é resultado de uma demanda antiga dos artistas por iniciativas de formação dentro do universo das artes visuais, mais precisamente da arte contemporânea. "É importante uma iniciativa dessa para a Cidade, pois revigora o discurso, traz gente para perto da arte contemporânea", comemora André Quintino, autor da série Vendido. A pesquisadora Lara Vasconcelos vê nessa mescla de artistas diferentes, um caminho para um novo tipo de criação. "Esses trabalhos e esses sujeitos entram em certo desvio e encontram-se com o inesperado", pontua.

Críticos

Durante dez meses os artistas, com propostas bem diferentes entre si, compartilharam suas ideias e seus

conhecimentos e contaram com a colaboração de artistas, críticos e professores que realizam importantes trabalhos no circuito da arte contemporânea – seja no Brasil ou no exterior. Entre eles, Tânia Rivera, Eduardo Passos e Glória Ferreira. “Eles se encontravam com o grupo por uma semana. O convidado acompanhava e promovia um debate em torno do projeto”, relata Enrico sobre a metodologia desses encontros com os especialistas.

Durante a exposição, todos os trabalhos estarão expostos juntos e ainda haverá uma performance da artista Bartira Dias na abertura. “Só foi possível realizar esse trabalho coletivo a partir desse amadurecimento enquanto grupo. Compreender que nossos trabalhos individuais constituem diferenças primordiais”, comemora Enrico sobre essa diversidade de artistas em um único projeto.

SERVIÇO

Perambular, Experimentar e Correr Perigo

O Quê: Exposição dos artistas e pesquisadoras do Programa de Pesquisa do Centro de Artes Visuais de Fortaleza

Quando: Abertura: hoje (14), às 18h. Visitação de 15 de setembro a 20 de outubro

Onde: Centro Cultural Banco do Nordeste (Rua Floriano Peixoto, 941, Centro).

Outras informações: 85 3252 1444 / 85 34643108

Acesso gratuito

[Matéria feita pela Adriana Martins para o Diário do Nordeste em 13.09.2012.](#)

Coletânea de experiências e processos artísticos

Primeira turma do Programa de Pesquisa do Centro de Artes Visuais de Fortaleza abre exposição amanhã.

Limites entre público e privado, transformação corporal, redes informacionais, paisagem urbana e universo feminino são alguns dos temas explorados na exposição “Perambular, Experimentar e Correr Perigo”, que reúne trabalhos desenvolvidos por oito artistas e quatro pesquisadoras integrantes da primeira turma do Programa de Pesquisa do Centro de Artes Visuais de Fortaleza. A abertura acontece amanhã, no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB).



Uma das peças do projeto “Vendido”, desenvolvido pelo artista cearense André anúncios de venda de imóveis transformados em casas de passarinho sugerem reflexão sobre espaços públicos e privados e especulação imobiliária.

O programa é resultado de uma parceria entre a Vila das Artes, equipamento da Prefeitura de Fortaleza, e o CCBNB. O grupo é formado pelos artistas André Quintino, Bartira Dias, David da Paz, Mariana Smith, Marina de Botas, Sabyne Cavalcanti e Simone Barreto e as pesquisadoras Ana Cecília Soares, Júlia Lopes, Lara Vasconcelos e Naiana Cabral.

A seleção dos candidatos aconteceu em outubro de 2011, a partir da seleção de portfólios e de projetos de pesquisa. O processo foi coordenado pelo artista Enrico Rocha e contou com o acompanhamento do artista Eduardo Frota. As atividades e discussões do programa foram desenvolvidas ao longo de 10 encontros mensais, cada um com uma semana de duração. Nessas ocasiões, os participantes se reuniam com curadores, artistas e professores convidados para refletir sobre temas e propostas de trabalho.

Entre esses profissionais estiveram nomes como Tânia Rivera, Eduardo Passos, Glória Ferreira, Mário Ramiro, Santiago Navarro, Eleonora Fabião, Orlando Maneschky, Jailton Moreira, Fernanda Albuquerque e Antoni Muntadas. O último módulo, com o artista catalão Muntadas, foi realizado em parceria com o projeto Conexões Estéticas, do Instituto de Cultura e Artes da UFC. Além dos encontros, os convidados ministraram cursos abertos ao público (selecionado através de inscrições na Vila das Artes).

Diversidade

Entre os trabalhos elaborados para “Perambular, Experimentar e Correr Perigo” está, por exemplo, “Vendido”, de André Quintino, que propõe uma discussão sobre os limites entre público e privado, o crescimento da cidade e a especulação imobiliária.

Para isso, Quintino construiu casas de passarinho com placas de “vende-se/aluga-se” recolhidas pela cidade. Depois, as peças foram colocadas nos mesmos locais onde se encontravam as placas, cujas mensagens são, assim, reconstruídas e ressignificadas.

Outro projeto que reflete sobre as questões urbanas é “Arranha-céu”, de Jared Domício. Mistura entre desenho e fotografia, a obra consiste em imagens de céu arranhadas com estilete, que sugerem ao espectador a visão de uma Beira Mar sem grandes construções.

Já a artista Bartira Dias mergulha no universo do corpo e seus significados, com a performance “0 dentro da pele para fora do ar”, da série “Ex-drógeno”. O trabalho questiona o uso do corpo enquanto mercadoria, além de refletir sobre a violência de gênero que se dá nesse processo.

Mais informações

“Perambular, Experimentar e Correr Perigo” – abertura amanhã, às 18 horas, no CCBNB (R. Floriano Peixoto, 941, Centro). Visitação de 15 a 20 de outubro, de terça a sábado, das 10 às 20 horas. Acesso livre. Contato: (85) 3252.1444

[Matéria feita pela Júlia Lopes para o Diário do Nordeste em 14.12.2007.](#)

Os enigmas das sombras



O performer André Quintino realiza intervenção artística na Praça da Bandeira até hoje.

O mecânico Rogério Silva descreve: “Desde de manhã que a gente viu o movimento e tava curioso pra saber o que era”. Ele e o vendedor Cláudio Weber trabalham numa das lojas especializadas em motos que ficam na rua Clarindo de Queiroz, e perceberam a agitação pela manhã na Praça Clóvis Beviláqua – aquela que fica em frete à Faculdade de Direito, mais conhecida como Praça da Bandeira. “A gente pensou que esses canos fossem fogos de artifício ou até obstáculo pra cachorro”, completa Cláudio. “Querida era poder voar, pra ver de cima!”, desejava Cícera Pinho, que também trabalha por ali e estava na Praça observando.

O burburinho foi causado pela intervenção urbana do performer André Quintino, integrante do grupo Balbucio – que há quatro anos vem realizando projetos de intervenção urbana na cidade. Desde terça-feira o artista trabalha com mais de uma centena e meia de canos de PVC presos a uma base de madeira, transformando a paisagem e a rotina da Praça. Dispostos de uma determinada maneira, em dois pontos específicos do lugar, os canos formam uma frase de Alberto Caeiro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa). Mas identificar as palavras não é tão simples assim: faz parte do enigma que a intervenção artística seja vista a tal hora do dia.

O título da obra não existe, mas ela acaba sendo conhecida como “O essencial é saber ver”, frase formada pelas sombras dos canos às 7h50 e às 14h50, sendo possível estender esse prazo por no máximo 20 minutos. Hoje é a última oportunidade de vê-la.

Concludente do curso de Comunicação Social, André desenvolveu o projeto – que é parte de sua monografia – baseado em quatro pilares: a teoria da percepção, a poesia concreta, o modernismo português e o diálogo entre arte e cidade.

O jogo das sombras já é uma brincadeira antiga para o artista. Um dos fascínios que a sombra exerce sobre ele é o caráter quase anônimo dela. “As pessoas não percebem sua própria sombra. Mas ela é uma enigma. Como a poesia, que está dentro do texto”, coloca. Em Fortaleza a ideia toma outras proporções, já que “aqui o fluxo das pessoas é regido pela sombra, dado o sol escaldante!”, lembra o artista.

Para executar o trabalho, André enfrentou algumas dificuldades no meio do caminho. “A prefeitura estava reticente, porque essa Praça é heliporto do IJF. Fora que aqui embaixo é um reservatório de água da Cagece”. Mas ele garante que vale a pena. “Tudo é muito impulsionado pelo meu prazer em trabalhar com isso. Depois que cheguei aqui, conheci as pessoas do entorno, como o pessoal da banca, os moradores”, conta. “É muito bom poder mexer com sua própria vida e com a vida de outras pessoas”.